



Disponível em

www.univali.br/revistaturismo

Revista Turismo Visão e Ação – Eletrônica, v. 10, nº 02.
p. 286 – 305, mai/ago. 2008

ÊNFASE AMBIENTAL NOS CURSOS DE BACHARELADO EM TURISMO NO BRASIL

Heros Augusto Santos Lobo ¹
heroslobo@hotmail.com

Data de Submissão: 22/11/2007

Data de Aprovação: 13/06/2008

¹ Bacharel em Turismo (Universidade Anhembi Morumbi – UAM/SP). Especialista em Gestão e Manejo Ambiental em Sistemas Florestais (Universidade Federal de Lavras – UFLA/MG). Mestre em Geografia (Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/MS). Doutorando em Geociências e Meio Ambiente (Universidade Estadual Paulista – UNESP/Rio Claro-SP), bolsista pela CAPES. Editor-chefe da revista "Pesquisas em Turismo e Paisagens Cársticas", da Sociedade Brasileira de Espeleologia (SBE). **Endereço para correspondência:** Rua Guarino Vanucci, 15 - Residencial Monte Verde – CEP: 13348-864 - Indaiatuba, SP.

ÊNFASE AMBIENTAL NOS CURSOS DE BACHARELADO EM TURISMO NO BRASIL

Resumo

Os cursos de Bacharelado em Turismo no Brasil foram criados a partir dos anos setenta, em um cenário de movimentação política e mercadológica do setor. Ao longo dos tempos, tais cursos foram se adequando às necessidades emergentes do mercado por meio da especialização curricular e da criação de ênfases temáticas. Nesse contexto, o objetivo da pesquisa foi analisar os cursos de Bacharelado em Turismo com ênfase e/ou habilitação em áreas afins ao meio ambiente, para identificar os traços comuns e diferenciais em seus objetivos, matrizes curriculares, ementas e laboratórios. A pesquisa foi dividida em duas etapas. Na fase exploratória, foi identificado o panorama dos cursos de Bacharelado em Turismo com ênfase ambiental. Na etapa posterior, descritiva, foi feito um estudo de caso envolvendo três destes cursos. Os resultados demonstraram que os cursos analisados abordam diretamente a ênfase ambiental em seus objetivos, dedicando aos temas ambientais uma carga horária que varia entre 15,65% e 18,91% do total de sua integralização curricular. Das conclusões obtidas, ressalta-se a necessidade de ampliação dos conteúdos aplicados à análise das variáveis bióticas e abióticas do ambiente para fins turísticos, de forma a agregar ou ampliar os diferenciais conceituais, tecnológicos e científicos destes cursos.

Palavras-chave: Ensino Superior. Turismo e Meio Ambiente. Turismo Sustentável.

ENVIRONMENTAL EMPHASIS IN UNDERGRADUATE COURSES IN TOURISM IN BRAZIL

Abstract

Undergraduate courses in Tourism in Brazil were created first created in the nineteen seventies, in a scenario of a political and marketing movement in the area of tourism. Over time, these courses adapted to the emerging needs of the market through the specialization of their curricula, creating emphasis on special themes. In this context, the general objective of the research was to analyze Bachelor degree courses in Tourism that give emphasis to the environment and related areas, in order to identify common and distinguishing features in their objectives, curricula, course contents and laboratories. The survey was divided into two stages. In the exploratory phase, an overview was identified of the tourism courses with environmental emphasis. In the subsequent, descriptive phase, a case study was carried out on three of these courses. The results show that the courses analyzed give direct environmental emphasis in their objectives, dedicating between 15.65% and 18.91% of the total class hours of their curricula to this theme. In the conclusions, the need is underscored to expand the curricular content, in order to analyze the biotic and abiotic environmental variables for tourism purposes, in order to add or expand the conceptual, technological and scientific differential of these courses.

Keywords: Higher Education; Tourism and Environment; Sustainable Tourism.

ÊNFAIS AMBIENTAL EN LOS CURSOS DE LICENCIATURA EN TURISMO EN BRASIL

Resumen

Los cursos de Licenciatura en Turismo en Brasil fueron creados a partir de la década del setenta, en un escenario de movimiento político y mercadológico del sector. A lo largo del tiempo, tales cursos se fueron adecuando a las necesidades emergentes del mercado por medio de la especialización curricular y de la creación de énfasis temáticos. En este contexto, el objetivo de la investigación fue analizar los cursos de Licenciatura en Turismo con énfasis y/o habilitación en áreas afines al medio ambiente, para identificar los rasgos comunes y diferenciales en sus objetivos, matrices curriculares, programas y laboratorios. La investigación fue dividida en dos etapas. En la fase exploratoria, fue identificado el panorama de los cursos de Licenciatura en Turismo con énfasis ambiental. En la etapa posterior, descriptiva, fue realizado un estudio de caso involucrando a tres de estos cursos. Los resultados demostraron que los cursos analizados abordan directamente el énfasis ambiental en sus objetivos, dedicando a los temas ambientales una carga horaria que varía entre el 15,65% y el 18,91% del total de su integralización curricular. De las conclusiones obtenidas, sobresale la necesidad de ampliación de los contenidos aplicados al análisis de las variables bióticas y abióticas del ambiente para fines turísticos para, de esta forma, agregar o ampliar los diferenciales conceptuales, tecnológicos y científicos de estos cursos.

Palabras clave: Enseñanza Superior. Turismo y Medio Ambiente. Turismo Sostenible.

1 INTRODUÇÃO

A evolução dos cursos de Bacharelado em Turismo no Brasil vivenciou um salto quantitativo nos últimos anos, em consonância com as promessas de desenvolvimento da atividade. Com o passar do tempo, os cursos de Turismo passaram a ser, em alguns casos, os mais cotados nos principais vestibulares onde eram ofertados. Entretanto, a demanda por profissionais formados não acompanhou as expectativas. Além disso, a falta de uma regulamentação específica para a profissão e da compreensão do mercado e das próprias Instituições de Ensino Superior (IES) sobre o papel dos bacharéis em Turismo acarretaram o declínio da procura. Duas conseqüências são evidentes a partir deste cenário: o crescimento dos cursos de pós-graduação em Turismo – que muitas vezes culminam por atrair profissionais de diversas áreas ou, ainda, fornecer aos próprios egressos dos cursos de Turismo uma alternativa de crescimento profissional; a diversificação dos cursos de Bacharelado em Turismo por meio da especialização curricular. Ênfases e habilitações específicas são criadas não somente para atrair uma demanda mais segmentada – uma estratégia de sobrevivência –, mas também para atender às necessidades do mercado.

Estudos anteriores versam sobre a composição, os objetivos e a qualidade dos cursos de Bacharelado em Turismo. Teixeira (2001) apresenta um estudo exploratório que engloba a estrutura e o funcionamento dos cursos, o currículo e a qualidade de ensino. Por sua vez, Trigo (2002) aborda questões relativas à qualidade dos cursos superiores em Turismo, apontando-as como estratégicas para um novo posicionamento frente às atuais exigências da sociedade. Este tema também permeou o trabalho de Mota (2005), em seu estudo de caso sobre os cursos no nordeste brasileiro. Uma aproximação maior ao tema central deste artigo foi identificada no trabalho de Chagas e Rameh (2005). Estes autores analisaram a inserção das temáticas ambientais nos cursos de Turismo, tendo por base

quinze cursos de diferentes IES do nordeste brasileiro, e identificaram a carência de atenção dada a estes temas de uma forma geral. Outro trabalho que fornece subsídios para a presente análise foi realizado por Pires (2006). O autor ressalta de uma forma ampla e geral as implicações ecológicas existentes entre fenômenos naturais e/ou decorrentes da ação antrópica e o turismo.

A relação entre os cursos de Bacharelado em Turismo e o meio ambiente carece de estudos mais aprofundados. Afirma-se isto tendo em vista o atual panorama de preocupação da sociedade com as questões ambientais, com temas como o uso sustentável dos recursos naturais emergindo até mesmo nas mídias de massa; bem como a necessidade de acompanhar o disposto pelo Conselho Nacional de Educação (CNE) nas diretrizes curriculares nacionais para os cursos de Turismo. Estas mencionam que os cursos podem adquirir linhas de formação específica, incluindo as questões ecológicas e ambientais, de acordo com as necessidades do mercado ou da região onde estão inseridos.

Considerando o cenário apresentado, a pesquisa que deu origem a este artigo buscou investigar o seguinte questionamento: de que forma o estudo do meio ambiente é trabalhado nos cursos de Bacharelado em Turismo com ênfase ambiental? Buscando esmiuçar o problema delimitado, o objetivo geral foi analisar os cursos de Bacharelado em Turismo que oferecem ênfase e/ou habilitação em áreas afins ao meio ambiente, de forma a identificar os traços comuns e diferenciais quanto aos objetivos, à matriz curricular, às ementas e aos seus laboratórios. Para agregar mais profundidade à análise, foi realizado um estudo de caso envolvendo três cursos de Bacharelado em Turismo, todos sediados em IES públicas. Como produto final, obteve-se um panorama da compreensão posta nos referidos cursos sobre a importância e o conteúdo da ênfase ambiental no turismo.

2 TURISMO, NATUREZA E MEIO AMBIENTE

O entendimento de natureza na sociedade atual é permeado por questões histórico-culturais, com raízes na concepção de *wilderness* – termo associado aos significados de natureza intocada e selvagem, que afasta o ser humano do ambiente em que vive (DIEGUES, 2000). Este ideário retoma a concepção edênica, na qual a natureza é subjugada ao ser humano e suas necessidades. Traz também o entendimento de que os seres humanos e os demais seres vivos não são compatíveis, com uma essência predatória dos primeiros sobre os segundos. Isso permite a compreensão sobre a concepção das áreas naturais protegidas no mundo, representadas no Brasil pelo Sistema Nacional de Unidades de Conservação (SNUC).

Buscando a compreensão das raízes desta concepção, Thomas (2001) analisou as mudanças de comportamento do ser humano em relação à natureza na Inglaterra, no período entre os anos de 1500 e 1800. O autor reforça a idéia de que a natureza intocada é, acima de tudo, uma construção cultural. Na análise do autor, a natureza passa por diversas fases, indo das linhas geométricas dos jardins ingleses, passando pela revalorização da vida no campo e da paisagem semelhante à natural – porém cultivada, aperfeiçoada pelo homem –, culminando, ao fim do século XVIII, com o entendimento da paisagem selvagem como fonte de renovação para o ser humano. Essa proposição foi incentivada pelos clérigos ingleses, que ressaltavam a natureza perfeita, criada por Deus, como geradora de deleite, satisfação e renovo nas pessoas.

Ao encontro deste ideário, cria-se em 1872, nos Estados Unidos, a primeira área natural protegida no mundo, o Parque Nacional de Yellowstone. Nestes, como em outras áreas, privilegia-se cada vez mais o acesso a grupos restritos da sociedade: ambientalistas,

cientistas, detentores de poderes intelectuais, políticos ou financeiros e os ecoturistas, os “guardiões desse mito moderno de natureza intocada” (DIEGUES, 2000, p. 69).

A atratividade da natureza para o turismo se assegura em função da riqueza do conjunto de paisagens e fragmentos que simbolizam uma forma de retorno à vida primitiva do ser humano (SOARES; PIRES, 2004). Além disso, as atratividades se dão em função das motivações e percepções dos turistas (LUO; DENG, 2008) e da artificialização do espaço pela técnica. A natureza almejada pelos turistas, carregada do ideário de preservação, torna-se acessível à medida que é transformada, sob o aceitável pretexto de conforto e segurança (LOBO; MORETTI, 2008) – situação paradoxal analisada com a devida profundidade por Kent (2003) e que, conforme explica Alfonso (2003), dependendo do grau de alteração, pode modificar as relações dos residentes com o meio em que vivem.

Mas a inserção da temática ambiental no turismo deve ir além desta perspectiva inicialmente apresentada, pautada pelo distanciamento do ser humano em relação à natureza intocada e, por conseqüência, pela atratividade gerada para o turismo. Em tempos atuais, o estudo do ambiente tem se mostrado pertinente para as mais diversas áreas do conhecimento, face ao aumento das exigências em relação à conservação dos recursos naturais e a posturas mais sustentáveis dos modos de produção humana em relação ao meio.

A preocupação com o meio ambiente gerou as primeiras inquietações quanto à sustentabilidade de uma forma mais ampla (JITHENDRAN; BAUM, 2000), que culminaram na publicação do relatório *Nosso Futuro Comum*. Parte daí o ideário do desenvolvimento sustentável, que apregoa a necessidade de existência de um equilíbrio entre o crescimento econômico, a equidade social e a conservação ambiental (AMÂNCIO, 2001). O senso de responsabilidade comum então criado foi notadamente assimilado pelo turismo, gerando a necessidade de uma adaptação da postura profissional de todas as organizações – citando, como exemplo, os meios de hospedagem (ALVES; SILVEIRA; NÉRY, 2007) – e profissionais do setor; no intuito de atender às exigências de um turista emergente, com maiores preocupações socioculturais e ambientais (JITHENDRAM; BAUM, 2000).

Percebe-se que a inserção da temática ambiental no estudo do turismo se torna fundamental, face aos novos questionamentos e posturas do consumidor moderno. O planejamento e a gestão da atividade requerem uma nova dinâmica de compreensão do mercado, conciliatória entre o crescimento econômico e a conservação ambiental, sem deixar de lado a preocupação com a sociedade (FONTOURA; SIMIQUELI, 2007; LEMOS, 2007). Outros aspectos da relação entre o turismo e o meio ambiente também carecem de maior atenção em tempos atuais, como o aquecimento global, as mudanças climáticas, a camada de ozônio, a poluição do ar e a chuva ácida, a escassez e a poluição da água, a degradação dos solos, a perda de biodiversidade e os desastres naturais (PIRES, 2006).

Esta nova faceta de produção e estudo do turismo foi classificada por Jafari (1990) como *plataforma da adaptação*, pautada pela busca de novas formas de turismo – brando, verde, controlado, de pequena escala. Outros trabalhos já consagrados também fazem menção a esta questão, como *Sociologia do Turismo*, do suíço Jost Krippendorf, e *Turismo e Qualidade: Tendências Contemporâneas*, do brasileiro Luiz Gonzaga Godoi Trigo. Publicados, respectivamente, nos anos oitenta e noventa do século passado, ainda se mostram atuais em suas considerações sobre o futuro do turismo em relação ao meio ambiente.

Com a adaptação das necessidades do mercado face às exigências de consumo e planejamento, é de se esperar que os cursos de Bacharelado em Turismo acompanhem essa evolução. Em outros países do mundo, a exemplo do que ocorre no Reino Unido, a adaptação curricular ainda é incipiente, conforme Ernawati (2003). O autor comenta também sobre o foco dos estudos do turismo na Indonésia, com ênfase em hospedagem e

alimentação. Todavia, esta perspectiva de ensino é considerada inapropriada pelo próprio *trade* e por professores locais, face à complexidade do turismo.

No Brasil, a criação de cursos com ênfase específica voltada para assuntos correlatos ao meio ambiente é recente, tendo seu ápice ocorrendo em meados da virada do Século 21. Chagas e Rameh (2005) apresentam uma primeira contribuição à avaliação destes cursos, analisando indistintamente os que possuem ou não ênfase específica, delimitando espacialmente o seu objeto de pesquisa no Estado de Pernambuco. Os autores demonstram que a maioria dos quinze cursos analisados dedica uma ínfima parcela de sua carga horária total ao estudo da relação turismo/meio ambiente, o que é fruto, entre outros, da defasagem curricular e de posturas estritamente mercadológicas. Outra análise digna de nota foi executada por Martins; Silva; Neiman (2007). Os autores pesquisaram a inserção do ecoturismo em 25 cursos superiores de Turismo em IES públicas no país. Concluem que mesmo nos cursos sem ênfase relacionada ao meio ambiente, a temática do ecoturismo é tratada de forma satisfatória, apesar de uma análise mais ampla em relação aos conteúdos abordados não ter sido realizada pelos autores.

A carência de estudos mais aprofundados sobre o tema denota o quão inovadora é a perspectiva de adaptação dos cursos de Turismo às necessidades atuais de estudo do meio ambiente. Com isto, consolida-se a necessidade de realização de pesquisas que investiguem a relação entre estes dois temas pelos mais diversos prismas e dimensões de análise.

3 MÉTODOS E ETAPAS DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada entre os meses de abril de 2006 e maio de 2007, sob aprovação e financiamento da Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPP) da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS). A necessidade de pesquisar as ênfases relacionadas à área ambiental nos cursos de Bacharelado em Turismo no Brasil foi percebida durante os anos de 2004 e 2005, quando da reformulação do projeto político-pedagógico (PPP) do Curso de Turismo com ênfase em Ambientes Naturais da UEMS. Dentre os resultados obtidos, percebeu-se a necessidade de pesquisar a ênfase ambiental e os temas correlatos nos cursos de Bacharelado em Turismo no Brasil.

A pesquisa foi realizada em duas fases distintas. Na primeira delas, de caráter exploratório, foram feitas buscas em diversos *sites* da Internet, bancos de dados e guias de vestibulares, na tentativa de identificar quais os cursos de Turismo em funcionamento que ofereciam ênfase e/ou habilitação relacionada à temática ambiental. A partir desta lista inicial, foi feita uma checagem em cada um destes cursos, por meio de contatos com suas respectivas coordenações e/ou verificação nos portais eletrônicos de suas respectivas IES. Esta sondagem permitiu a delimitação do campo de pesquisa para os estudos de caso, centrando o foco das análises descritivas em três cursos, todos de IES públicas. Esta opção foi tomada ao considerar que tais instituições estão – em tese – menos sujeitas às flutuações do mercado e aos modismos do ensino, assumindo assim um compromisso maior com a manutenção de seus cursos. Além disso, estas também focam seus esforços na tríade ensino, pesquisa e extensão – ambos analisados de forma direta ou indireta na pesquisa. Tendo por base estas características, entendeu-se que estas similaridades poderiam proporcionar uma quantidade menor de discrepâncias entre os cursos analisados.

Nos estudos de caso buscou-se identificar os denominadores comuns e os diferenciais de cada um dos cursos, sem, no entanto, apresentar comparações que os privilegiem ou desabonem. Este procedimento foi adotado porque o foco da pesquisa não se

resumia a comparar e eventualmente avaliar os cursos, mas sim, identificar as suas concepções e proposições para o estudo do meio ambiente no turismo. Nestes, foram feitas análises mais amplas, tendo seus PPPs como principais instrumentos de coleta de dados. Entrevistas informais não-estruturadas também foram feitas por telefone e *e-mail* com os coordenadores dos respectivos cursos, de forma a obter informações complementares às apresentadas nos projetos. À época da execução deste projeto, as três IES pesquisadas nos estudos de caso foram visitadas *in loco*, de forma a permitir a visualização da aplicação prática dos elementos analisados em seus respectivos PPPs.

4 OS CURSOS DE BACHARELADO EM TURISMO COM ÊNFASE AMBIENTAL NO BRASIL

Os anos setenta apresentaram uma série de revoluções nos hábitos de consumo que modificaram por definitivo as relações sociais. A passagem do fordismo para a acumulação flexível foi um marco temporal que trouxe reflexos diretos para o crescimento do turismo da forma como hoje é conhecido. Conforme mencionam Rejowski e Solha (2005), o panorama do turismo no mundo era de crescimento com tendências à massificação, fruto ainda do período pós-guerra. Este foi parcialmente barrado pela primeira crise do petróleo em 1973. Dados disponíveis do Ministério do Turismo (BRASIL, 2003) demonstram que o turismo mundial até 1973 não havia superado ainda a casa dos duzentos milhões de turistas. Já em 1974, esse número superava pouco mais de 205 milhões.

No Brasil, a flutuação no crescimento e a afirmação do turismo para além de sua vocação natural ocorrem também a esta época. Solha (2005) explica que entre os anos 1950 e 1969, são feitas melhorias na infra-estrutura de transportes, turísticas e são elaboradas as primeiras políticas públicas para o setor. No ano de 1966, pode ser destacado outro fator primordial para o turismo no país, apontado por Carvalho (2005): a criação da Empresa Brasileira de Turismo (EMBRATUR), atual Instituto Brasileiro do Turismo, do Conselho Nacional de Turismo e da Política Nacional de Turismo. Foi sob este panorama inicial apresentado que o Conselho Federal de Educação criou, por meio do parecer nº 35/1971¹, os cursos superiores em Turismo.

A variação no número de cursos de Bacharelado em Turismo no Brasil atingiu seu expoente máximo em meados do final dos anos noventa, às vésperas do novo milênio. Desde a criação dos primeiros até a época mencionada, a variação percentual no total de cursos passou dos 900% (TEIXEIRA; FLETCHER; WESTLAKE, 2001), o que pode ter gerado, entre outros, especulação e cursos de baixa qualidade. Entretanto, o mercado não absorveu os egressos destes cursos com a mesma velocidade e proporção. Mota (2005) menciona a existência de 637 cursos de Turismo em funcionamento no Brasil em 2003. Dados atuais, do Exame Nacional de Avaliação do Desempenho do Ensino Superior (ENADE) de 2006 (INEP, 2007) apresentam um número mais atual do total de cursos em funcionamento, demonstrando o fechamento de grande percentual daqueles mencionados na pesquisa anterior: 398, dos quais apenas 37 em IES públicas, ou seja, 9,3% do total.

Os cursos de Turismo na atualidade têm buscado se diferenciar das mais diversas formas, apostando em elementos como os laboratórios de atividades práticas, atividades de pesquisa e extensão e na especialização curricular. Assim, o que antes era apenas um Bacharelado em Turismo, hoje pode ser visto com as mais diversas ênfases: em planejamento, hotelaria, agenciamento, ecoturismo, rural, eventos, meio ambiente e outra infinidade de temas. Estas ênfases e habilitações têm sido assumidas de forma prática,

alterando realmente a composição dos PPPs dos cursos, ou, em alguns casos, apenas agregando um nome diferente para chamar a atenção da demanda.

Dentro desta tendência de especialização, esta pesquisa foi concentrada nos cursos com ênfase ligada à temática ambiental. Em um primeiro momento, foram identificados 18 cursos em todo o território nacional. A partir desta listagem preliminar, diversas tentativas de contato foram feitas com os respectivos cursos, o que demonstrou que alguns não mais existiam. Assim, após essa primeira seleção, restaram 14 cursos, apresentados no Quadro 1.

IES	ÊNFASE DO CURSO
Centro Univers. Central Paulista – São Carlos, SP	Ecoturismo
FECILCAM – Campo Mourão, PR	Meio Ambiente
Fac. Presbiteriana Gammon – Lavras, MG	Ecoturismo
Facs. Integradas Olga Mettig – Salvador, BA	Meio Ambiente/Turismo Rural
FCH – Olinda, PE	Meio Ambiente e Ecoturismo
FTB – Brasília, DF	Ecoturismo
IELUSC – Joinville, SC	Meio Ambiente
PUC-SP – São Paulo, SP	Ecoturismo
UEMS – Dourados e Jardim, MS	Ambientes Naturais
UFSCAR – Sorocaba, SP	Ecoturismo/Histórico-Cultural
UNESP – Rosana, SP	Meio Ambiente
UNIDERP – Campo Grande, MS	Hotelaria e/ou Turismo Ambiental
UNIDAVI – Rio do Sul, SC	Meio Ambiente
UFPA – Soure, PA	Ecoturismo

Quadro 01: Cursos identificados de Bacharelado em Turismo com ênfase relacionada à área ambiental

Fonte: Elaboração do autor.

Os cursos analisados apresentaram alguns denominadores comuns. Entre eles, pode-se perceber que aqueles abrigados em IES privadas oferecem destaque para atividades tecnicistas em suas matrizes curriculares, como a fotografia, rapel, aparelhos de orientação espacial – bússolas e GPS – e leitura de mapas. Por sua vez, os cursos das IES públicas focam também em questões ambientais mais amplas, como gestão, educação e percepção, e indicam as suas preocupações com as atividades de pesquisa e extensão, além do ensino. Obviamente não se tratam de regras fixas, mas sim de uma tendência observada.

5 ESTUDO DE CASO EM TRÊS CURSOS COM ÊNFASE CORRELATA À ÁREA AMBIENTAL

Dos cursos mencionados, três foram selecionados para a realização de estudos de caso mais aprofundados. Os principais critérios utilizados para a seleção dos cursos foram a facilidade de acesso ao seu PPP e à sua coordenação, bem como a natureza pública de gestão de suas respectivas IES. Isto permitiu que fossem traçados denominadores comuns para a análise, dado que as instituições públicas normalmente assumem de forma mais efetiva o tripé formado pelo ensino-pesquisa-extensão. Foram então escolhidos para os estudos de caso os cursos de turismo da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS) – Unidades, Dourados e Jardim, já que o PPP era o mesmo; da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP); da Universidade Federal de São Carlos (UFSCAR). Estes foram analisados em conjunto, não com o intuito de traçar comparações, mas sim de identificar as semelhanças e diferenças em sua concepção de Bacharelado em Turismo em função da especificidade proposta em suas ênfases dentro da temática ambiental.

5.1 Caracterização geral dos cursos estudados

O primeiro dos cursos selecionados foi o de Turismo com ênfase em Ambientes Naturais, da UEMS. Seu funcionamento foi autorizado pela *Resolução CEPE-UEMS n. 144, de 04 de novembro de 1999*, e o reconhecimento dado pelo Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso do Sul, por meio do *Parecer n. 544/03, de 19 de dezembro de 2003* e da *Deliberação CEE/MS n. 7.374, de 19 de dezembro de 2003*. O curso funciona desde o ano de 2000, em três turmas: Dourados – matutino e noturno – e Jardim – noturno, ofertando quarenta vagas por turma. Os prazos mínimos e máximos para integralização do curso são de 4,5 anos a 7,5 anos, em um regime anual de oferta. A carga horária total do curso é de 3.605 horas. O PPP do curso foi reformulado a partir de 2004, sob orientação da professora Dra. Dóris van de Meene Ruschmann, em amplo trabalho realizado junto ao corpo docente e discente. Em 2006, iniciou-se a vigência do novo projeto. Considerando a totalidade dos *campi* e dos períodos ofertados, lecionam no curso um total de 51 professoresⁱⁱ, 19 dos quais em regime de Tempo Integral (TI). Há no curso 12 professores bacharéis em Turismo, dos quais nove são efetivos, seis trabalhando em regime de TI e três afastados para capacitação. Os professores bacharéis em Turismo possuem a seguinte titulação: cinco mestres (quatro efetivos, um contratado), cinco especialistas (quatro efetivos, dos quais três são mestrandos; um contratado) e dois graduados contratados.

O segundo curso selecionado foi o de Turismo com ênfase em Meio Ambiente, da UNESP. Seu funcionamento foi autorizado pelo Ministério da Educação, reconhecido posteriormente pelo Conselho Estadual de Educação do Estado de São Paulo. Funciona desde agosto de 2003, em turma única em período diurno, no Município de Rosana, SP, oferecendo 40 vagas em regime semestral. Os prazos mínimo e máximo para integralização do curso são, respectivamente, de oito e quatorze semestres. A carga horária total do curso corresponde a 3.330 horas. Conta com 16 docentes, dos quais 12 atuam em Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa (RDIDP). Destes, quatro são bacharéis em Turismo: dois efetivos – um doutor e um mestre – e dois mestres contratados temporariamente.

Por fim, o Curso de Turismo com ênfase em Ecoturismo e Turismo Histórico-Cultural da UFSCAR, sediado em Sorocaba, SP. Este foi aprovado pelo *Parecer CEPE-UFSCAR n. 966, de 21 de março de 2005*. O curso passou a ser oferecido em 2006, com um total de 40

vagas em uma única turma, em período integral. Sua carga horária total é de 3.450 horas, em regime semestral. O prazo mínimo para integralização do curso é de oito semestres. A concepção de seu PPP teve como consultora a profa. Dra. Mirian Rejowski. Não foi informado o total de docentes que atuam no curso, apenas o total de bacharéis em Turismo, quatro. Destes, há um doutor e três mestres.

Os três cursos mencionados foram analisados tendo-se em vista a relação de sua ênfase ambiental com os seguintes aspectos de seus PPPs: o objetivo geral, a matriz curricular, os conteúdos programáticos das disciplinas específicas e os laboratórios. Embora também seja um ponto importante, a justificativa para a criação dos cursos não foi analisada, por se entender que esta contempla aspectos da realidade local onde estes são implantados, o que vai além da análise ora proposta. Também foram obtidos, como dados acessórios, a quantidade total de projetos e os grupos de pesquisa e projetos de iniciação científica relacionados à temática da ênfase, executados e em execução.

Visando manter o foco da comparação somente nos conteúdos e não nos cursos, deste ponto em diante seus nomes não serão revelados, e sua ordem de apresentação foi alterada. Isto porque, conforme já dito, o objetivo desta pesquisa foi tão somente identificar as diferentes compreensões destes cursos sobre a relação entre o turismo e o ambiente.

5.2 Objetivos dos cursos

Os objetivos dos três cursos analisados encontram-se relacionados no Quadro 2.

CURSO	OBJETIVO
A	<p>O Curso foi organizado em quatro níveis de formação, correspondendo cada um deles a dois semestres, com os objetivos enunciados a seguir:</p> <p>1º nível – 1º e 2º semestres: Desenvolver uma compreensão básica da evolução histórico-conceitual do turismo, dos seus princípios administrativos, políticos, sociais e ambientais, e das suas características, efeitos e dinâmica, dotando o aluno de um arcabouço teórico e terminológico fundamental.</p> <p>2º nível – 3º e 4º semestres: Desenvolver uma compreensão mais consistente da natureza e dinâmica do turismo, dos “atores” do processo turístico e das destinações turísticas, detalhando as suas interfaces com diferentes áreas disciplinares, em especial as referentes ao meio ambiente e suas manifestações sócio-culturais, no contexto nacional e internacional.</p> <p>3º nível – 5º e 6º semestres: Acentuar a compreensão dos alunos para os meios pelos quais opera, é gerido e é planejado, analisando a sustentabilidade e qualidade no âmbito da exploração de regiões e ambientes turísticos, e de empreendimentos e organizações turísticas, com base nesse conhecimento e na vivência inicial em práticas profissionais.</p> <p>4º nível – 7º e 8º semestres: Propiciar um aprofundamento e aplicação dos princípios e conhecimentos dos níveis anteriores a temas especializados na gestão do ecoturismo, em ambientes natural (físico) e histórico-cultural, tanto no meio urbano quanto rural, instigando a resolução de problemas por meio da experiência profissional e elaboração de projetos.</p>
B	<p>Formar profissionais em Turismo com capacitação técnico-científica para elaborar, gerir e desenvolver projetos de turismo no ambiente natural, integrando conhecimentos de natureza econômica, sócio-cultural e estética, desenvolvendo produtos e sistemas adequados às necessidades dos usuários e às possibilidades</p>

	de reprodução sócio-ambiental.
C	<p>O curso tem como objetivo principal promover a formação integral do aluno, habilitando-o a exercer atividades ligadas ao planejamento, organização e execução de ações que envolvem o turismo. A formação do Bacharel em Turismo deve contemplar as relações entre o conhecimento teórico e as exigências da prática cotidiana da profissão. Esse profissional deve estar apto a atuar nas atividades turísticas, em especial naquelas associadas aos atrativos ambientais, zelando pela preservação e conservação da natureza. Para tanto, o curso deverá oferecer aos alunos métodos e técnicas para o melhor atendimento ao turista, priorizando formação profissional ética, pautada na cidadania e no compromisso de desenvolver atividades que garantam a sustentabilidade.</p> <p>Com este perfil, o curso destina-se a formar um profissional apto a atuar em um mercado qualificado, cujas ações poderão contribuir para a melhoria da qualidade ambiental e sócio-econômica das comunidades envolvidas.</p>

Quadro 2: Objetivos dos cursos

Fonte: Elaborado pelo autor.

De um modo geral, percebeu-se que os objetivos dos três cursos (Quadro 2) caminham para um fim comum – a formação de bacharéis em Turismo com uma visão integrada e holística da atividade estudada. A preocupação com o uso sustentável do ambiente, a capacitação técnica e científica e as necessidades do mercado aparecem em maior ou menor grau em cada um dos três cursos, denotando suas nuances nas propostas de concepção da carreira do turismólogo. A tônica geral apresentada nos três cursos está centrada na relação sociedade e natureza, representada pelo planejamento e gestão conservacionistas do turismo.

Dos três cursos analisados, o curso B é o único a fazer uma menção direta em seus objetivos sobre a pesquisa científica, acompanhando assim a tendência contemporânea de consolidação da turismologia. Isto não implica dizer que os demais cursos não atentam para esta questão, a qual foi analisada de forma mais profunda em seus laboratórios.

5.3 Matriz curricular

A análise da matriz curricular foi feita por meio das disciplinas específicas ligadas ao tema, de forma a identificar os conteúdos compreendidos como obrigatórios para o estudo do turismo e do meio ambiente (Quadros 3 a 5).

DISCIPLINA	SERIAÇÃO	CARGA HORÁRIA
Fundamentos de Ecologia Aplicados ao Turismo	1º semestre	60 h/a
Turismo e Patrimônio Natural	1º semestre	60 h/a
Representação Cartográfica no Turismo	2º semestre	60 h/a
Ecoturismo	3º semestre	60 h/a
Geotecnologias Aplicadas ao Turismo	4º semestre	60 h/a
Turismo e Percepção Ambiental	4º semestre	60 h/a
Avaliação de Impactos Ambientais	6º semestre	60 h/a
Legislação Turística e Ambiental	7º semestre	60 h/a

Planejamento Turístico em Unidades de Conservação	7º semestre	60 h/a
9 Disciplinas		540 h/a

Quadro 3: Disciplinas da ênfase ambiental do curso A
Fonte: Elaborado pelo autor.

DISCIPLINA	SERIAÇÃO	CARGA HORÁRIA
Ecosistemas Brasileiros	1º ano	68 h/a
Ecologia	1º ano	68 h/a
Cartografia	2º ano	68 h/a
Percepção Ambiental	2º ano	68 h/a
Planejamento e Organização do Turismo em Ambientes Naturais	3º ano	102 h/a
Gestão Ambiental	3º ano	102 h/a
Técnicas Avançadas de Turismo em Ambientes Naturais	4º ano	102 h/a
7 Disciplinas		578 h/a

Quadro 4: Disciplinas da ênfase ambiental do curso B
Fonte: Elaborado pelo autor.

DISCIPLINA	SERIAÇÃO	CARGA HORÁRIA
Cartografia	1º semestre	30 h/a
Geografia do Brasil (Ecosistemas Brasileiros)	2º semestre	60 h/a
Educação Física I: Atividades de Ecoturismo	2º semestre	60 h/a
Ecologia Geral e Aplicada	2º semestre	60 h/a
Turismo e Meio Ambiente	3º semestre	60 h/a
Educação Física II: Atividades Náuticas	3º semestre	30 h/a
Ecosistemas Terrestres e Aquáticos	3º semestre	60 h/a
Sensoriamento Remoto Aplicado ao Turismo	4º semestre	30 h/a
Ecoturismo I	4º semestre	30 h/a
Ecoturismo II	5º semestre	30 h/a
Conservação dos Recursos Naturais	5º semestre	60 h/a
Cartografia Aplicada ao Turismo	6º semestre	30 h/a
Turismo Náutico	6º semestre	30 h/a
Planejamento e Gestão Ambiental	8º semestre	60 h/a
14 Disciplinas		630 h/a

Quadro 5: Disciplinas da ênfase ambiental do curso C
Fonte: Elaborado pelo autor.

Os três cursos pesquisados apresentam uma carga horária total expressiva de conteúdos teóricos, técnicos e profissionalizantes voltados para o meio ambiente. Em relação ao total de carga horária previsto no projeto pedagógico, o curso identificado como “C” foi o que apresentou a maior proporção de conteúdo específico em relação ao geral, com um total de 18,91% da carga horária do curso direcionada diretamente à sua ênfase. Em seguida, aparece o curso “B”, com 16,03% e, por fim, o curso “A”, com 15,65%. Em todos os casos, o tempo destinado aos temas relacionados à ênfase é bastante superior à média dos cursos de Turismo de um modo geral, que segundo Chagas e Rameh (2005) gira em torno de 3% a 10%.

No que diz respeito à fragmentação do conteúdo, o curso “C” divide-o em 14 disciplinas, o dobro do curso “B”, que apresenta um total de 7. O curso “A” apresenta um meio-termo entre ambas, com 9 disciplinas. Não foi agregado juízo de valor a este aspecto, por se entender que tanto a divisão quanto a agregação dos conteúdos podem ser trabalhados de forma a trazer benefícios à formação do Bacharel em Turismo.

Muito embora a presente análise esteja centrada no tema exposto, não é demasiado acrescentar que os três cursos demonstram uma preocupação com outras dimensões do turismo, como a social e a cultural, indo além da óbvia dimensão econômica tão fortemente vinculada à atividade turística.

5.4 Conteúdos abordados nas disciplinas específicas

Para a efetuação da análise dos conteúdos, buscou-se primeiro a delimitação de parâmetros relacionados ao planejamento, manejo e gestão das áreas naturais para fins turísticos. Foram considerados dentro dos mais diversos aspectos da sustentabilidade turística aqueles que denotam a condição essencial do turismo em áreas naturais: a análise do ambiente e o uso antrópico sustentável.

Inicialmente foi tomada por base a divisão apresentada em Lobo et al. (2007), que desdobra a análise ambiental aplicada ao turismo nos seguintes aspectos: geologia, geomorfologia, fauna, flora, clima, hidrografia, arqueologia e paleontologia. Para analisar o uso antrópico específico – o turismo –, foram estabelecidas as seguintes variáveis: métodos de planejamento e gestão turísticos e técnicas e processos relativos aos segmentos/atividades turísticos que fazem uso das áreas naturais. Os resultados da análise destes parâmetros nos conteúdos das disciplinas específicas dos cursos são apresentados no Quadro 6.

Os conteúdos da análise ambiental observados, de um modo geral, assemelham-se aos apresentados por Pires (2003) em seu estudo sobre um curso de pós-graduação em Turismo. Este ponto foi interpretado como um diferencial favorável em relação aos demais cursos de Bacharelado em Turismo sem uma ênfase definida, por agregar um componente temático de estudos de pós-graduação ao currículo dos cursos de graduação. Isto permite um verdadeiro foco temático no estudo do turismo, gerando oportunidades para a ampliação da pesquisa tecnológica e científica e, com isso, agregando maior valor ao ensino e às possibilidades de extensão universitária.

Considerando a divisão inicialmente proposta – análise ambiental e uso antrópico –, percebe-se que os três cursos trabalham de maneira mais direta e concisa o segundo tema. Isto evidencia o seu vínculo direto à grande área das ciências sociais aplicadas. Por sua vez, a análise ambiental é proposta de forma desigual, concentrando os conteúdos nos aspectos ligados à flora e à fauna. Os aspectos físicos do meio ambiente são pouco abordados. A hidrografia não é citada, ainda que indiretamente, em nenhum dos cursos. O

clima, fator condicionante da sazonalidade turística em diversas localidades na perspectiva do turismo industrial (MOLINA, 2003), também não é estudado de forma profunda.

A relação do turismo com o meio ambiente deve ser compreendida de forma ampla, pois, como demonstra Pires (2006), as interferências recíprocas entre a atividade e o meio se dão em diversas dimensões. Assim, o estudo do clima, do relevo e da hidrografia, entre outros temas, é tão importante quanto às implicações do turismo na fauna e na flora. É crescente a procura do mercado por profissionais que dominem, ainda que de forma geral, os conteúdos ligados à análise ambiental, para, por exemplo, aplicá-los como indicadores de manejo turístico (MOORE; SMITH; NEWSOME, 2003) ou na concepção de projetos de meios de hospedagem e estruturas de receptivo em áreas sujeitas a impactos ambientais consideráveis.

	VARIÁVEIS	CURSO A	CURSO B	CURSO C
Análise Ambiental	Geologia e geomorfologia	Menciona os “componentes abióticos da paisagem” e o “meio físico”.	Uma única menção indireta e parcial, por meio da espeleologia.	-
	Hidrografia	-	-	-
	Clima	-	Zonas climáticas e estações do ano.	-
	Fauna e Flora	Interpretação da diversidade biológica: espécies, populações e comunidades; interações entre os organismos vivos; patrimônio natural brasileiro como recurso para a atividade turística sustentável (biomas brasileiros).	Capacidade de suporte dos ambientes, ecologia, diversidade biológica, ciclagem de nutrientes, sucessão ecológica e ecossistemas brasileiros.	Ecologia dos ecossistemas (ênfase maior aos brasileiros) e da biodiversidade.
Uso Antrópico	Métodos, técnicas e tecnologias de planejamento e gestão	Cartografia; mapeamento digital; SIG; sensoriamento remoto; GPS; EIA/RIMA; métodos e procedimentos para AIA; manejo de unidades de conservação - direto (zoneamento, uso rotativo, etc.) e indireto (programa de informações sobre a área, estímulo ou proibição de acesso, etc.); principais métodos de gerenciamento de visitação.	Avaliação de impacto ambiental; avaliação ambiental estratégica; políticas públicas; sistema de gestão ambiental empresarial; análise e produção cartográfica; planejamento, implantação e manejo de trilhas turísticas; percepção ambiental.	Elaboração e análise de produtos cartográficos; uso de GPS; capacidade de carga; elaboração de Estudo de Impacto Ambiental (EIA) e Relatório de Impacto Ambiental (RIMA); sensoriamento remoto e fotointerpretação; SIG.
	Segmentos turísticos	Ecoturismo.	Pontua de forma indireta o ecoturismo.	Ecoturismo e turismo náutico.
	Sistemas de gestão, técnicas esportivas e desportivas.	Percepção, sensibilização e interpretação ambiental.	Trilhas; turismo em cavidades naturais; enduro a pé (<i>trekking</i>); flutuação; <i>rafting</i> ; caiaque <i>duck</i> ; técnicas verticais; suporte básico de vida e noções de resgate.	Primeiros socorros; bóiacross; mergulho; vela; <i>surf</i> ; introdução aos conhecimentos de manejo dos equipamentos utilizados em esportes náuticos.

Quadro 6: Análise dos conteúdos ementários em função das variáveis selecionadas
Fonte: Elaborado pelo autor.

Esta disparidade reflete nas possibilidades profissionais que advêm da formação proposta pelos cursos, limitando por vezes a atuação dos bacharéis em Turismo formados em cursos que propõe na especificidade de sua ênfase uma formação diferenciada. Ao mesmo tempo em que a ênfase ambiental pode ser compreendida como um diferencial

curricular, a falta de conteúdos básicos focados no planejamento ambiental culmina por enfraquecer parcialmente os cursos. Com isso, a oportunidade teoricamente criada, dos bacharéis em Turismo concorrerem em condições de igualdade com profissionais de outras áreas por empregos estratégicos na área de planejamento, manejo e gestão do turismo em áreas naturais, é aproveitada somente de forma parcial.

Não se propõe aqui a transformação dos cursos de Turismo em campo de estudos específicos da análise do ambiente em suas diversas variáveis. Porém, ao se delinear um curso cuja ênfase dos conhecimentos oferecidos seja a relação do turismo com o meio ambiente, espera-se que os profissionais tenham a possibilidade de, se não realizar as devidas análises ambientais, ao menos dialogar de forma sinérgica com os profissionais das áreas específicas. Este diálogo só se faz possível por meio do conhecimento sobre os temas estudados, visando à construção de novas possibilidades de uso turístico em harmonia com o ambiente, em uma proposta holística de transformação nas atuais formas de lazer em áreas naturais, tal qual já preconizado há tempos por Tyler e Dangerfield (1999).

No que diz respeito às práticas específicas de atividades ecoturísticas, observa-se que os cursos “B” e “C” apresentam uma quantidade expressiva de temas e modalidades abordados de forma direta durante a sua integralização. Isso denota a concepção em parte tecnicista destes cursos, voltados em dotar os futuros bacharéis para a atuação em níveis mais práticos. Desta forma, tais cursos repetem parcialmente o que foi detectado por Ansarah (2001) nos cursos de Turismo de uma forma geral, os quais buscam atender aos anseios imediatistas do mercado de trabalho, deixando a reflexão e a consciência crítica de lado. Esta faceta também pode ser analisada sob dois aspectos: o da capacitação de mão-de-obra, que poderia ser realizada por cursos específicos de formação profissional; e o direcionamento para um lado menos humanístico e científico da formação em turismo, ponto este já levantado em reflexões anteriores por Trigo (1998) e Beni (2007).

É importante pontuar que o curso “A” apresenta em sua matriz curricular um espaço para oito créditos – 120 h/a – de disciplinas eletivas. Dentre estas, foram identificadas três relacionadas à ênfase sob análise, de um total de 24 disciplinas oferecidas: *Acrodendrologia: Técnicas de Escalada em Dossel Florestal*, com dois créditos; *Turismo de Observação de Fauna*, com quatro créditos; e *Tópicos em Ecoturismo, Comunidade Local e Unidades de Conservação*, com dois créditos. Entretanto, estas não foram incluídas na presente análise pelo fato de não serem obrigatórias no currículo proposto, não compondo, portanto, a formação de todos os acadêmicos.

Finalizando a análise dos conteúdos ementários básicos das matrizes curriculares, cabe ressaltar que não foram observadas disparidades entre os objetivos dos cursos no que diz respeito à ênfase proposta e os conteúdos das disciplinas.

5.5 Laboratórios

Os laboratórios são espaços físicos destinados à aplicabilidade prática dos conteúdos trabalhados em sala de aula, bem como à produção de atividades relacionadas aos outros dois vértices da concepção de universidade – a pesquisa e a extensão. O Quadro 7 apresenta, em linhas gerais, os laboratórios existentes no projeto pedagógico de cada curso:

IES	LABORATÓRIOS DO CURSO DE TURISMO
Curso A	<ol style="list-style-type: none"> 1. Laboratório de Turismo; 2. Laboratório de Computação; 3. Laboratório de Computação Avançada (Geoprocessamento).
Curso B	<ol style="list-style-type: none"> 1. LabPOTAN – Laboratório de Planejamento e Organização do Turismo em Ambientes Naturais; 2. Laboratório de Agências de Viagem e Turismo; 3. CIENTUR – Laboratório de Ciências do Turismo; 4. Laboratório de Eventos; 5. Laboratório de Hotelaria.
Curso C	<ol style="list-style-type: none"> 1. Laboratório de Informática; 2. Laboratório de Apoio Didático e de Pesquisa; 3. Laboratório de Projetos Turísticos; 4. Laboratório de Línguas; 5. Agência Laboratório; 6. Ambiente para Atividades de Educação Física.

Quadro 7: Laboratórios dos cursos de Turismo

Fonte: Elaborado pelo autor.

Dos três cursos analisados, apenas o “B” possui um laboratório concebido especificamente para atender à ênfase específica. Nos demais cursos, esta é trabalhada de forma indireta, nos laboratórios existentes: Laboratório de Apoio Didático e de Pesquisa, Laboratório de Projetos Turísticos e Ambiente para Atividades de Educação Física no curso “C”; e Laboratório de Turismo e Laboratório de Computação Avançada (Geoprocessamento) no curso “A”.

Vale lembrar que os laboratórios são apenas espaços físicos, que embora auxiliem no desenvolvimento de atividades ligadas à ênfase, não são a única forma de aplicação de conhecimentos da área. Prova disso está nos resultados obtidos pelos cursos ao longo sua existência, no âmbito da pesquisa. O curso “B”, em sete anos de existência, conta com oito projetos de pesquisa e três iniciações científicas realizados e/ou em andamento ligados à ênfase ambiental. Por sua vez, em quatro anos, o curso “C” apresentou os mesmos resultados em termos de projetos de pesquisa, e um total de 22 iniciações científicas. O curso “A” não disponibilizou dados sobre o tema, alegando estar apenas iniciando. Os dados não são apresentados para denotar uma relação de competência maior ou menor, pois diversos fatores devem ser levados em conta, entre eles, o fato de, quando o curso “B” estava em implantação, a disponibilidade de bacharéis em Turismo com titulação mínima de mestre – portanto, com formação para a pesquisa – no mercado era pequena. Isto interferiu na composição do corpo docente, ainda em processo de capacitação. Todavia, percebe-se que a existência de professores focados na pesquisa é fator mais decisivo nos resultados de um curso do que os laboratórios.

Por outro lado, as áreas naturais, como as unidades de conservação e outras, também acabam sendo verdadeiros laboratórios para as atividades de ensino, pesquisa e extensão, por permitirem a visualização *in loco* dos aspectos abordados. Quanto a isso, os três cursos primam por aulas práticas e de campo, adotando uma proposta dinâmica e

imprescindível para o estudo da relação entre o ser humano e as áreas naturais por meio do turismo.

6 CONCLUSÕES

A presente pesquisa permitiu uma primeira delimitação da ênfase ambiental nos cursos de Bacharelado em Turismo, tendo por base três cursos de instituições públicas, expoentes em nível nacional em suas respectivas áreas de abrangência geográfica. A opção por IES públicas permitiu a averiguação de uma amostra estatisticamente considerável do total relativo de cursos em instituições sob tal regime de gestão, permitindo a verificação dos aspectos analisados em três das cinco encontradas. Este panorama pode ser futuramente ampliado com a inserção de IES privadas na análise, permitindo comparações mais amplas e conclusões mais abrangentes quanto à totalidade da ênfase estudada.

De uma forma geral, os cursos analisados nos estudos de caso objetivam a formação de planejadores do turismo com foco implícito nas áreas naturais protegidas, como as Unidades de Conservação. Os empreendimentos privados e a questão ambiental em áreas urbanas não aparecem de forma direta nos conteúdos das disciplinas analisadas e selecionadas, por tratarem de temas diretamente relacionados ao tema analisado.

A carga horária destinada à ênfase ambiental nos cursos não apresentou grandes variações, com uma média absoluta de 582 h/aula, e proporcional de 16,86 % em relação à carga horária total de curso. Os conteúdos abordados se concentram: nos métodos e modelos de planejamento e gestão ecoturística e sustentável; em técnicas específicas de segmentos e atividades turísticas. A análise do ambiente, aspecto imprescindível ao planejamento turístico, é pouco abordada, refletindo a essência de um curso da grande área das ciências sociais aplicadas que tem em sua origem histórica a preocupação maior com o uso do meio, e não com sua conservação. Como recomendação, entende-se que esta postura pode ser oportunamente modificada, dado que o uso sustentável – que visa também à conservação – requer o aprimoramento da fase analítica do planejamento ambiental para fins turísticos.

Os laboratórios e aulas de campo são compreendidos nos PPPs dos cursos como o espaço e/ou momento para aplicabilidade e visualização do conhecimento trabalhado em sala de aula, bem como para a produção científica. Esta ainda é um tanto incipiente, o que denota que o turismo ainda não se apresenta – nas IES pesquisadas e em meio ao corpo docente e discente – como um campo consolidado para as pesquisas. O mercado ainda dita as tendências do ensino superior nesta área, com disciplinas técnicas que trabalham por vezes mais focadas nos procedimentos operacionais dos setores estudados.

Ainda sobre o mercado, não existem pesquisas conclusivas que apontem a aceitação dos egressos destes cursos com ênfases específicas e suas possíveis colocações profissionais. Isto é compreensível sob dois aspectos. Primeiramente, dos cursos analisados, apenas os cursos “B” e “C”, até o fechamento deste artigo, já haviam formado suas primeiras turmas, o que ainda é cedo para um resultado mais expressivo. O segundo aspecto está na própria justificativa dos cursos, que foram planejados e implantados tendo em vistas as vocações e potencialidades das regiões onde se instalaram, e não um estudo de mercado que demonstrou a necessidade de um novo profissional, com as características propostas. A lógica simplista pode levar ao entendimento de que um Curso de Turismo com ênfase voltada ao estudo do ambiente encontre campo para desenvolvimento no Brasil, sempre lembrado por sua extensão territorial, sua legislação ambiental completa e pela diversidade de paisagens. Todavia não se sabe se o mercado compreende os egressos

destes cursos como diferenciados dos demais cursos de Turismo. Ao se apoiar somente nos primeiros indícios positivos citados, pode-se incorrer em um equívoco indutivo causado pela ânsia em firmar um novo campo da turismologia.

Assim, como apontamentos finais, levantam-se duas questões fundamentais para possíveis continuidades das pesquisas nesta temática. Como proposição aos possíveis cursos interessados em focar na ênfase ambiental, bem como para reformulações que possam vir a ocorrer nos projetos analisados, sugere-se a ampliação da vertente analítica ambiental, inserindo de forma direta e mais efetiva os temas pouco abordados, como a geologia, a geomorfologia, a hidrologia e o clima. Estes, aliados aos aspectos bióticos, precisam ser estudados no âmbito das alterações causadas pelo turismo, nas potencialidades e limitações que podem gerar, e na construção de indicadores de manejo específicos para o uso turístico.

Por fim, como proposta para a continuidade das pesquisas nesta área, sugere-se que sejam feitas investigações sobre: as IES privadas com Curso de Bacharelado em Turismo com ênfase para o meio ambiente; a aceitação diferenciada do mercado quanto aos Bacharéis em Turismo formados em cursos com tal ênfase, considerando para tanto as organizações públicas, privadas e a formação de pesquisadores para o ensino superior em turismo.

REFERÊNCIAS

ALFONSO, M. J. P. Turismo, Cultura y Medio Ambiente. **Pasos**, v. 1, n. 2, 2003, p. 145-153.

ALVES, T. J. C.; SILVEIRA, G.T. da; NÉRY, C. H. C.; Meios de Hospedagem e Desenvolvimento da Variável Ambiental Como Objeto de Estudo: O Caso do Seminário de Pesquisa em Turismo do MERCOSUL. In: Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo, 4, 2007, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Aleph, 2007.

AMÂNCIO, R. **Introdução ao estudo de gestão e manejo ambiental**. Lavras: UFLA/FAEPE, 2001.

ANSARAH, M. G. dos R. Teoria Geral do Turismo. In: _____. (Org.). **Turismo como aprender, como ensinar**. São Paulo: SENAC, 2001.

BENI, M.C. A pesquisa e a extensão como ferramentas de desenvolvimento profissional do profissional de turismo. In: **Congresso Brasileiro de Turismo**, 26. Gramado: ABBTUR, 2007.

BRASIL. **Lei nº 9985 de 18 de Julho de 2000**. Sistema Nacional de Unidades de Conservação. Brasília: Presidência da República, 2000. Disponível em: <<https://www.presidencia.gov.br/>>. Acesso em: 28 dez. 2005.

_____. Ministério do Turismo. Instituto Brasileiro do Turismo – EMBRATUR. **Anuário Estatístico da EMBRATUR**. Brasília: EMBRATUR, 2003. v. 30.

CARVALHO, C.L. de. Breves histórias do turismo no Brasil. In: TRIGO, L.G.G.; PANOSSO NETTO, A.; CARVALHO, M. A.; PIRES, P. dos S. [Eds.] **Análises regionais e globais do turismo brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005.

CHAGAS, J. A. S.; RAMEH, L. M. Reflexão a respeito do binômio turismo/meio ambiente nos currículos dos cursos de bacharelado em turismo. In: **Encontro Nacional de Turismo com Base Local**, 9, 2005, Recife. Anais Eletrônicos. Recife: ENTBL, 2005.

DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

ERNAWATI, D.B. Stakeholders' Views on Higher Education. In: **Annals of Tourism Research**, v. 30, n. 1, p. 255-258, 2003.

FONTOURA, L. M.; SIMIQUELI, R. F. Diretrizes para o planejamento ambiental do turismo. In: **Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo**, 4, 2007, São Paulo. Anais. São Paulo: Aleph, 2007.

INEP. **Resultados do ENADE 2006**. Disponível em: <<http://enade2006.inep.gov.br/novo/Site/?c=CUniversidade&m=pesquisar>>. Acesso em: 03 set. 2007.

JAFARI, J. Research and Scholarship: The Basis of Tourism Education. In: **The Journal of Tourism Studies**, v. 1, n. 1, p. 33-41, maio 1990.

JITHENDRAN, K. J.; BAUM, T. Human resources development and sustainability – the case of Indian tourism. In: **International Journal of Tourism Research**, v. 2, p. 403-421, 2000.

KENT, M. Ecotourism, environmental preservation and conflicts over natural resources. In: **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v. 9, n. 20, p. 185-203, out. 2003.

KRIPPENDORF, J. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1989.

LEMOS, I. S. As Dimensões da sustentabilidade e o desenvolvimento do turismo: uma abordagem teórica. In: **Seminário Internacional de Turismo**, 9, 2007, Curitiba. Anais. Curitiba: Unicenp, 2007.

LOBO, H.A.S.; MORETTI, E.C. Ecoturismo: as práticas na natureza e a natureza das práticas em Bonito, MS. In: **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, v. 2, n. 1, p. 43-71, mar. 2008.

LOBO, H.A.S.; LOURENÇÃO, M.L.F.; AMORIM, A. dos S.; CUNHA, F.M.; RAMOS, J.C.; LIMA, K.M.; CAMARGO, R.R.; ZAGO, S. Variáveis e indicadores para análise do potencial espeleoturístico. In: **Congresso Brasileiro de Espeleologia**, 29, 2007, Ouro Preto. Anais. Ouro Preto: SBE/SEE, 2007.

LUO, Y; DENG, J. The Environmental Paradigm and Nature-Based Tourism Motivation. In: **Journal of Travel Research**, v. 46, p. 392-402, maio 2008.

MARTINS, M.R.; SILVA, P.B.; NEIMAN, Z. A inserção da temática ambiental e do ecoturismo nos cursos de graduação de instituições de ensino superior públicas brasileiras. In: **Encontro Interdisciplinar de Ecoturismo em Unidades de Conservação**, 2, 2007, Resende. Anais do EcoUC. Resende: Physis, 2007.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Conselho Nacional de Educação. Resolução CNE/CES nº 13, de 24 de novembro de 2006. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Turismo e dá outras providências. In: **Diário Oficial da União**. Brasília, sec. 1, p. 96-7, nov. 2006.

MOLINA, S. **O pós-turismo**. São Paulo: Aleph, 2003.

MOORE, S. A.; SMITH, A. J.; NEWSOME, D. N. Environmental performance reporting for natural areas tourism: contributions by visitor impact management frameworks and their indicators. In: **Journal of Sustainable Tourism**, v. 11, n. 4, p. 348-375, 2003.

MOTA, K. C. N. Qualidade na concepção do projeto pedagógico dos cursos superiores em turismo e hotelaria no Brasil. In: TRIGO, L. G. G.; PANOSSO NETTO, A.; CARVALHO, M.

A.; PIRES, P. dos S. [Eds.] In: **Análises Regionais e Globais do Turismo Brasileiro**. São Paulo: Roca, 2005.

PIRES, P. dos S. Bases ecológicas para a pesquisa em turismo e meio ambiente: a experiência do CPPTH da UNIVALI/SC. In: **Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**, 1, 2003, Caxias do Sul. Anais. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2003.

_____. As múltiplas facetas e implicações da relação turismo e meio ambiente. In: **Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**, 4, 2006, Caxias do Sul. Anais. Caxias do Sul: Universidade de Caxias do Sul, 2006.

REJOWSKI, M.; SOLHA, K.T. Turismo em um cenário de mudanças. In: REJOWSKI, M. [Org.] **Turismo no percurso do tempo**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Aleph, 2005.

SOARES, M.; PIRES, P. dos S. O interesse pela observação de aves como alternativa para o turismo em bases sustentáveis no litoral centro-norte de Santa Catarina. In: **Turismo Visão e Ação**, Itajaí, v. 6, n. 1, p. 09-25, jan.-abr. 2004.

SOLHA, K. T. Evolução do turismo no Brasil. In: REJOWSKI, M. [Org.]. **Turismo no percurso do tempo**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: Aleph, 2005.

TEIXEIRA, R. M. Ensino superior em turismo e hotelaria no Brasil: um estudo exploratório. In: **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 12, n. 2, p. 7-31, nov. 2001.

TEIXEIRA, R.; FLETCHER, J.; WESTLAKE, J. A educação superior em turismo: um estudo comparativo Brasil e o Reino Unido. In: **Turismo Visão e Ação**, Itajaí, v. 4, n. 8, p. 9-27, 2001.

THOMAS, K. **O homem e o mundo natural**: mudanças de atitude em relação às plantas e aos animais, 1500-1800. Tradução João Roberto Martins Filho. São Paulo: Companhia das letras, 2001.

TRIGO, L. G. G. **A sociedade pós-industrial e o profissional em turismo**. Campinas: Papirus, 1998.

_____. **Turismo e qualidade**: tendências contemporâneas. 8. ed. rev. e atual. Campinas: Papirus, 2002.

TYLER, D.; DANGERFIELD, J. M. Ecosystem Tourism: A Resource-based Philosophy for Ecotourism. In: **Journal of Sustainable Tourism**, v. 7, n. 2, p. 146-158, 1999.

UEMS. **Resolução CEPE n. 613 de junho de 2006**: Projeto pedagógico do curso de turismo – ênfase em ambientes naturais. Dourados: UEMS, 2006.

UNESP. Coordenadoria Especial de Meio Ambiente. **Projeto pedagógico**: curso de bacharelado em turismo. Rosana: UNESP, 2002.

UFSCAR. **Projeto pedagógico**: curso de bacharelado em turismo. Sorocaba: UFSCAR, 2006.

ⁱ Revogado pela *Resolução CNE n. 13 de 24 de novembro de 2006*.

ⁱⁱ Os dados sobre o corpo docente dos três cursos foram obtidos no primeiro trimestre do ano letivo de 2007.

Agradecimentos: Aos professores MSc. Rodrigo Gomes Guimarães (UNESP) e MSc. Beatriz Veronese Stigliano (UFSCAR), coordenadores dos cursos à época da pesquisa, por fornecerem de forma irrestrita as informações solicitadas, sem as quais a realização desta pesquisa se tornaria inviável. À professora MSc. Patrícia Cristina Statella Martins (UEMS), por sua leitura inicial e sugestões, bem como por me encorajar a publicar este artigo. Aos revisores da revista *Turismo Visão e Ação*, pela leitura minuciosa e suas contribuições para a melhoria da qualidade deste artigo.